

SIMPÓSIO AT061
LITERATURA, FEMINISMOS E INTERSEÇÕES

INTELECTUAIS NEGRAS NAS CIÊNCIAS HUMANAS: AS CONTRIBUIÇÕES DE LÉLIA GONZALEZ, BEATRIZ NASCIMENTO E CONCEIÇÃO EVARISTO

Rosemere Ferreira da Silva
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
rosefsilva@uneb.br
roserosefr2000@yahoo.com.br

Resumo

No contexto brasileiro, as trajetórias dos intelectuais negros demonstram o quão profícua tem sido a produção do conhecimento, no campo das ciências humanas, orientada por um pensamento crítico que esboça diferentes perspectivas de construção de outra geografia da razão. Este trabalho pretende mostrar aspectos das trajetórias intelectuais de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo que contribuem para responder a permanente exclusão histórica que o pensamento de mulheres negras e intelectuais ainda enfrenta na sociedade brasileira. É objetivo do trabalho também compreender como o conceito de “**escrevivência**”, cunhado por Evaristo, alicerça o trabalho das intelectuais mencionadas, visando o exercício prático da literatura a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Gonzalez, Nascimento e Evaristo fazem parte de uma geração de mulheres que enfrentaram práticas de violência e opressão cotidianas, através dos embates de natureza variada com os diversos segmentos de poder no Brasil. Lélia Gonzalez desenhou traços de uma antropologia social, cujas referências endossam a humanidade negra através e principalmente do feminismo afrolatinoamericano. Beatriz Nascimento compreendeu a experiência quilombola como possibilidade de recuperação da identidade negra, de busca por um território, onde homens e mulheres não se reconheçam como propriedade, e, sim, como seres humanos. Já Conceição Evaristo trilhou o caminho da poesia e da ficção, fazendo com que seus textos se tornassem um *ethos* da produção literária negra e feminina, trazendo para o centro dos questionamentos sociais e políticos os dilemas do sujeito negro, com particular enfoque à condição humana das mulheres negras. Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo compartilharam problemas semelhantes que envolvem as clivagens de raça, gênero e classe social e que dizem respeito, não só ao empoderamento das individualidades negras femininas, mas também a libertação do humano como condição necessária aos desdobramentos, sentidos e efeitos que a construção do conhecimento implica para o passado, presente e futuro.

Palavras-chave: intelectuais negras; escrevivência; Lélia Gonzalez; Beatriz Nascimento; Conceição Evaristo.

Abstract

In the Brazilian context, the trajectories of black intellectuals demonstrate how profitable the production of knowledge has been in the field of human sciences, guided by a critical thinking that outlines different perspectives of the construction of another geography of reason. This work intends to show aspects

of the intellectual trajectories of Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento and Conceição Evaristo that contribute to answer the permanent historical exclusion that the thought of black and intellectual women still faces in Brazilian society. The objective of this work is also to understand how the concept of "escrevivência", coined by Evaristo, supports the work of the mentioned intellectuals, aiming at the practical exercise of literature from an interdisciplinary perspective. Gonzalez, Nascimento and Evaristo are part of a generation of women who faced daily practices of violence and oppression, through the assault of a varied nature with the various segments of power in Brazil. Lélia Gonzalez drew traces of a social anthropology, whose references endorse black humanity through and especially Afro-Latin American feminism. Beatriz Nascimento understood the quilombola experience as a possibility of recovering the black identity, of searching for a territory, where men and women are not recognized as property, but as human beings. On the other hand, Conceição Evaristo followed the path of poetry and fiction, making his texts become an *ethos* of black and feminine literary production, bringing to the center of social and political questions the dilemmas of the black subject, with particular focus on the human condition of black women. Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento and Conceição Evaristo shared similar problems that involve the cleavages of race, gender and social class and which concern not only the empowerment of female black individuals, but also the liberation of the human being as a necessary condition for unfolding, effects that the construction of knowledge implies for the past, present and future.

Keywords: black intellectuals; "escrevivência"; Lélia Gonzalez; Beatriz Nascimento; Conceição Evaristo.

PENSAMENTO INTELECTUAL NEGRO E AS CIÊNCIAS HUMANAS

As ciências humanas, no contexto brasileiro, demonstram relevância e comprometimento com a produção do conhecimento, no entanto, existe um problema epistemológico de não inclusão e ou referência ao pensamento dos intelectuais negros como produtores do saber e articuladores de possibilidades múltiplas do pensamento crítico. A princípio, ao estudar a literatura brasileira, por exemplo, percebe-se o quanto essa produção, mais recentemente abarcada pela literatura afro-brasileira, não contempla obras e textos dos escritores e escritoras negros no seu todo historiográfico. Desse modo, indo além das fronteiras do literário, chega-se a constatação que o pensamento dos intelectuais negros, em certa medida, encontra-se à margem de um conjunto distinto de campos diferenciados do conhecimento.

A referência a um pensamento intelectual negro esbarra em uma série de contrapontos questionados por segmentos intelectuais que não enxergam diferença alguma na forma de produzir conhecimento. Para esses segmentos

não se deveria falar em intelectuais negros e brancos. O que, sem dúvida, continuaria a garantir certo monopólio e exclusividade em relação ao conhecimento produzido na esfera social a grupos hegemônicos que representam uma pedagogia das classes dominantes (FREIRE, 2014). Ao tratar de intelectuais negros em diferentes esferas da produção crítica do conhecimento, o componente racial marca uma diferença pontual e presente que teima em ser camuflada pelo racismo “à brasileira”, como já anteriormente preconizado por alguns pesquisadores. Ao se acrescentar, na discussão relativa à raça e suas implicações com o racismo, as clivagens de gênero e classe, o quadro de identificação e reconhecimento sobre a produção de conhecimento dos intelectuais negros e negras complica-se ainda mais.

Desse modo, pretende-se nesse texto identificar aspectos relacionados às trajetórias intelectuais de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo que demonstram a importância e contribuição do pensamento intelectual dessas intelectuais negras, em diferentes áreas do conhecimento, por dentro do conceito de “escrivência”. Conhecer um pouco sobre as trajetórias das intelectuais em evidência, é trazer à tona uma forma de conhecimento que se distingue de toda e qualquer forma de exclusão do pensamento negro produzido na diáspora africana em consonância com os estudos das relações etnicorraciais no Brasil. O texto afirma a importância da produção intelectual negra como um modo de organização discursiva capaz de intervir e ressignificar sentidos para a existência negra.

LÉLIA GONZALEZ, BEATRIZ NASCIMENTO E CONCEIÇÃO EVARISTO: INTELLECTUAIS NEGRAS E SUAS “ESCREVÊNCIAS”

Os intelectuais negros nas ciências humanas são representados por um conjunto substancial de escritores e de escritoras que, cada vez mais, têm contribuído para o aprimoramento de uma produção intelectual politicamente destoante daquela considerada por uma tradição canônica. Não é surpresa alguma que esses escritores e escritoras, desde o século XIX, não tenham tido a visibilidade necessária para conhecimento público de suas obras e todo o trabalho de engajamento e ativismo em causas que discutem o fortalecimento das expressões identitárias em relação ao racismo, a exclusão e a

discriminação, por sempre tratarem de temas que afirmam a participação do sujeito negro como produtor de conhecimento.

A mudança não vem apenas do conhecimento sobre a existência dos respectivos intelectuais e suas produções artísticas e textuais. Ela vem, sobretudo, da capacidade de fazer circular o conhecimento que produzem. E, nesse sentido, o mercado editorial seleciona o que pode ser vendável, de acordo com preferências que giram em torno de escolhas de grupos restritos e particulares que definem o que pode e o que não pode ser publicado. A seleção, nem sempre assertiva, acaba deixando de fora do circuito da publicação textos que poderiam exemplarmente representar as ciências humanas em um de seus aspectos mais caros: o da afrodescendência.

Quem são essas mulheres negras e intelectuais que têm falado e produzido desde o século XIX no Brasil e que fizeram história combinando a arte da escrita com o ativismo, com sala de aula, com o engajamento comunitário nas associações e agremiações de bairro, com a política, etc...? Sem deixar para trás, a família e os filhos, dividindo com a escrita a capacidade de ser solidária em prol de ações e projetos voltados para a força das vivências e experiências coletivas. Essas mulheres negras e escritoras têm capturado nas histórias individuais e coletivas as memórias ancestrais que explicam o passado e o presente de afro-brasileiros, com particular enfoque na condição de gênero que incide sobre as diferentes formas de opressão hoje.

Uma dessas intelectuais é Lélia Gonzalez, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1 de fevereiro de 1935. Gonzalez migra em 1942 para o Rio de Janeiro, lá desenvolvendo a sua vida intelectual. Empenhada pelo seu ativismo e militância nos Movimentos Negros, seguiu uma pauta de total atenção às desigualdades raciais e de gênero no país. Lélia Gonzalez graduou-se em História e Filosofia, lecionou na rede pública de ensino e dedicou-se à Antropologia e Cultura Popular Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), onde chefiou o Departamento de Sociologia e Política. Lélia foi uma das precursoras em relação à introdução do estudo sobre o negro nas universidades, questionando principalmente a representação das mulheres negras e indígenas na sociedade brasileira, Pode-se afirmar que o trabalho desenvolvido pela intelectual abriu espaço em diferentes frentes para o reconhecimento da importância da discussão sobre o feminismo negro e ou

afrolatinoamericano no contexto social brasileiro. No conjunto variado de atuações da intelectual, destacaria a sua participação no jornal *Mulherio*¹, fundado na década de 80 por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, envolvidas no trabalho de pesquisa sobre a condição feminina no Brasil.

Com uma trajetória similar a de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, nascida em Aracaju, Sergipe, em 12 de julho de 1942, migrou com a família para a cidade do Rio de Janeiro no final de 1949. Beatriz teve uma curta, mas intensa vida intelectual, graduou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 1969-1971, foi pesquisadora no Arquivo Nacional e professora na rede pública de ensino. Em 1978, iniciou pós-graduação em História na Universidade Federal Fluminense (UFF) e estudos mais sistematizados sobre a organização dos quilombos brasileiros em associação às favelas modernas. Como ativista e militante nos Movimentos Negros, Beatriz propôs a discussão das relações raciais de forma contundente no meio acadêmico. Participou, em 1974, da criação do grupo de trabalho André Rebouças na Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, em 1975. Beatriz ofereceu contribuição exemplar em congressos, seminários e encontros no Brasil, problematizando a condição racial e social do negro no pós-abolição, com ênfase na pesquisa sobre a experiência quilombola como possibilidade de recuperação da identidade negra, de busca por um território, onde homens e mulheres não se reconheçam como propriedade, e, sim, como seres humanos. Um dos trabalhos considerados como referência na trajetória intelectual de Beatriz Nascimento diz respeito ao documentário *Ôri* (1989), dirigido pela socióloga e cineasta Raquel Gerber, e escrito e narrado por Beatriz. O filme corresponde a um rico acervo sobre a história dos movimentos negros no Brasil entre 1977 a 1988, colocando em evidência um conjunto de temas relevantes para a discussão afrodescendente.

Em 1946 nasce, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Conceição Evaristo, uma das mais expressivas e reconhecidas escritoras afro-brasileiras no

¹ O jornal *Mulherio* é resultado da sistematização, por pesquisadoras e jornalistas, de informações a respeito da condição feminina no Brasil. Especificamente as matérias tratavam sobre os problemas que envolviam a condição das mulheres de forma séria e, ao mesmo tempo, bem humorada. Maiores detalhes sobre as edições encontram-se disponíveis em: <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/historia.html>. Acesso em 30 de maio de 2019.

momento contemporâneo. Conceição Evaristo conclui o Curso Normal em 1971 e também migrou para o Rio de Janeiro para atuar no magistério e cursar Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conceição é mestra pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Evaristo buscou desempenhar um trabalho dialógico entre suas atividades educacionais e os Movimentos Negros, disseminando, através do magistério, discussões relacionadas à causa negra e, sobretudo, à condição da mulher negra no contexto social brasileiro. Em 1980, estabeleceu contato com o grupo Quilombhoje e passou na década de 1990 a publicar na série intitulada *Cadernos Negros*. Daí por diante, Evaristo trilhou um caminho sem volta na literatura e na defesa de uma produção literária, através da qual, a voz afrodescendente possa se fazer presente na criação dos mais diversos personagens, ficcionalizados nos seus textos, com profunda envergadura poética e política. Os textos de Conceição Evaristo correspondem a um *ethos* da produção literária negra e feminina, trazendo para o centro dos questionamentos sociais e políticos os dilemas do sujeito negro, com particular enfoque à condição humana das mulheres negras, como por exemplo, aparece no romance *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003. Entre ficção e realidade, a candidatura da intelectual à Academia Brasileira de Letras em 2018, surpreendeu, impactando a estrutura de um projeto de representação literária nacional restrito à condição racial, de gênero e classe. Embora Conceição não tenha sido eleita para a academia, os movimentos criados em torno de uma representação literária mais diversa se avolumaram, criando uma pressão significativa para a escolha e, ao mesmo tempo, gerando intensa reflexão sobre a ausência de escritoras negras na instituição. Será que padecemos de uma produção literária negra/ afro-brasileira que não mereça destaque na academia? Ou será que a nossa produção ainda continua sendo atropelada por um projeto hegemônico que exclui nosso pensamento intelectual?

Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo são intelectuais negras nascidas na mesma geração. O que isso significa? Significa que, enquanto mulheres negras, tiveram trajetórias muito semelhantes em um determinado momento histórico do país de identificação dos diversos meios de operacionalização do racismo enraizado na estrutura social brasileira. Todas

migraram de seus lugares de origem para a cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Enfrentaram o trabalho doméstico e ou tiveram que conviver com essa experiência nas famílias. Priorizaram o estudo e uma formação voltada para o magistério de atuação pública do ensino, através do diálogo com os movimentos sociais e negros. Combinaram ativismo e militância negra, inserindo nos projetos intelectuais por elas coordenados, não só um discurso contundente de combate ao racismo brasileiro, mas de discussão sobre as condições de existência da mulher negra e indígena. Compartilharam problemas semelhantes que dizem respeito, não só ao empoderamento das individualidades negras femininas, mas também a libertação do humano como condição necessária aos desdobramentos, sentidos e efeitos que a construção do conhecimento implica para o passado e para o futuro. Envolveram-se com a criação de instituições e/ou grupos de pesquisa que objetivaram abrir espaços de expressão para as vozes negras. Foram pioneiras, em suas áreas de atuação intelectual, na abordagem e no trato com o sujeito negro, com sua capacidade de resistência em um sociedade excludente e racista, que patologicamente recusa nossa existência, conforme argumenta Frantz Fanon (2008), e tenta nos impressionar com a sua pretensa superioridade racial.

De que maneira os projetos intelectuais de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo encontram vértice? Na centralidade dos projetos encontra-se a problematização da existência negra. Retiram do sujeito negro toda e qualquer possibilidade de patologia existencial e traçam para esse sujeito um percurso, antropológico, histórico e literário ancorado nas vivências das experiências negras, exclusas do campo epistemológico das ciências humanas. Essas experiências negras incidem diretamente sobre os modos de ser, se pensar como negro/negra e de produzir conhecimento intelectual. Nesse sentido, Conceição Evaristo denomina de “escrevivência” a capacidade de gerar conhecimento intelectual por meio de uma experiência de existência particularizada nas vivências negras na literatura. Ao trazer para o centro do debate público em seus projetos, o feminismo negro, a organização e importância dos quilombos e favelas como meio de expressão identitária, política e cultural e a poética, que emerge da combinação entre as dores e a beleza da condição humana negra, essas intelectuais assumem uma

responsabilidade de atuação intelectual comprometida com o conceito cunhado por Evaristo sobre “escrevivência”. Lélia, Beatriz e Conceição reverterem a patologia da inferioridade racial negra em significados objetivos em seus projetos intelectuais, reafirmando a importância do sujeito negro como um ser de ação, no combate ao colonialismo, conforme pretendia Fanon(2008).

CONCLUSÃO

O racismo é, sem dúvida, uma das piores e mais cruéis formas de imobilidade humana. Ao tratarmos do racismo na sociedade brasileira, existe uma tendência direcionalizá-lo à relação entre brancos e negros, como se a operacionalização do racismo fosse exclusiva entre esses dois grupos raciais. Deve-se lembrar que o racismo inferioriza grupos raciais em detrimento de outros e que, no caso brasileiro, não somente negros, mas também indígenas padecem da inferiorização racial. Ao destacar a atuação intelectual e política das intelectuais negras Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo, pretende-se afirmar, não só a relevância dos seus projetos, mas, sobretudo, a capacidade de produzir ideias e de gerar conhecimento em uma sociedade que nega a condição humana e existencial negra. Essas intelectuais por meio de suas “escrevivências”, para além de literárias, souberam capturar e definir um pensamento crítico, em diferentes áreas das ciências humanas, que evidencia a fundamental relevância de uma epistemologia feminina e negra de resistência e de total inclusão das narrativas sobre as vivências negras no campo científico do conhecimento.

Referências

- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- SILVA, Rosemere Ferreira da. Entre o Literário e o Existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na Criação de um Protagonismo Feminino Negro no Romance *Ponciá Vicêncio*. ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 8, n. 1, jan./jun., p.7-23, 2017.